

# O índio caminha para a morte

Luiz Roberto de Souza Queiroz  
Do Serviço Local

Toda noite em Campo Grande, quando as aulas terminam, dois padres ficam conversando no pátio do Colégio Dom Bosco. Eles só falam de índios, da extinção de todos os índios, já bem próxima. Um deles, jovem, padre Felix Zavattaro, faz conjecturas, imagina teorias, diz que uma raça de milhares de anos não pode morrer de repente. Estu-

da novos métodos de aculturação, leis que protejam o selvagem, pensa em soluções, até em falar com o governo. Mas, o outro, 87 anos, o velho padre César Abisetti, só lamenta os índios de sua tribo, chora o álcool puro que aprenderam a tomar, as docinhas que o branco levou, as maldades que a civilização ensina.

Toda noite, de consolo, padre César examina com carinho os presentes que

ganhou: um brinco quebrado, uma faca sem cabo, uma caixa de fósforo para seus índios. De vez em quando ele volta a olhar, e lá faz por não ver a tristeza, os males, faz por ver os bororos como antes, como quando ele era um seminarista moço, 26 anos, sem a barba branca de agora, cheio de ideal, como quando foi viver com os índios, porque há muito tempo padre César é um bororo também.

## Batinas brancas na selva

Em quase todas as aldeias bororos de Mato Grosso, vivem os padres de batina branca, os salesianos. Padre César e padre Félix são apenas dois que terminaram seu tempo de missão, mas os outros, muitos outros, continuam na selva, tentando corrigir o que muitos anos de aculturação errada, de perseguição injusta, de sertão invadido, fizeram com que os índios fossem acabando.

De noite, em volta da fogueira, esses padres, na língua dura e seca dos bororos, ensinam agricultura, o preparo da terra para produzir mais mandioca, mostram às mulheres a arte da tecelagem, aos "curimís" como ler as letras desenhadas na terra com uma vara, dizem do Menino Deus que nasceu em Belém.

A's vezes, quando a maleita é muito forte ou a idade manda, um padre volta a Campo Grande, fica no convento velho, esperando a morte, escrevendo livros. No Brasil, pouca gente conhece, mas na Europa, nos Estados Unidos, antropologistas, sociólogos, historiadores, passam noites sobre essas obras, que contam que para os bororos também houve dilúvio, que existe um só Deus para eles, que na sua dura língua há 30 palavras iguais às do grego antigo e que bororo se diz bororo e não bororó, como muita gente pensa.

**O fim e o começo**  
Em 1894, deixou de existir uma das duas colônias da Nação Bororo, que o governo mantinha. Todos os índios morreram e a colônia restante, Teresa Cristina, foi entregue aos salesianos. Os padres gostaram, trabalharam muito e quando quatro anos depois o governo os mandou embora, entraram na mata atrás de outros índios, ainda bravos, foram "novas" colônias.

Os padres de hoje reconhecem que boa vontade não chega, que os pacificadores de então fizeram muitos erros. Talvez o principal tenha sido incutir no índio atizado culturalmente a moral do branco, o cristianismo que não estavam preparados para receber, entregá-lo a uma civilização que não queriam.

E por isso que hoje, nas missões, sempre há trabalhos nas três frentes: na material, ensinando o índio a viver melhor, a frente moral e social e por último a religiosa, e as só de acordo com a evolução conseguida.

Atualmente o missionário sempre procura primeiro conhecer o índio, reconhecer que séculos de perseguição e chacinas o tornaram desconfiado, fechado. Essas idéias de conhecimento e de trabalho nas três frentes, diz padre Félix, são recentes e talvez tardias demais.

Para ele, tudo seria mais fácil, se há tempos se soubesse que os bororos têm, um quase cristianismo indígena, que não há contrastes entre sua religião e a nossa. Assim, não se combateriam suas crenças, mas seriam adaptadas às nossas.

Estudando a religião dos índios, os padres verificaram que eles têm anjos bons e maus, espíritos desencarnados, os boppes, que fazem mal, mas nunca sabem se esse cristianismo incipiente, as lendas do dilúvio, do Paraíso, são da cultura índia ou adquiridas pelo contato indireto com a civilização cristã.

**A África**  
Não é possível saber a origem dessas crenças, porque já se tem certeza da influência dos africanos, que tinham contato com os brancos, no meio índio. Os negros fugidos das fazendas, os quilombolas, se misturaram, por vezes aos índios e isso já foi comprovado nos bororos. Mesmo os Cintas Largos, da Rondonia,

ferozes, possuem crenças cristãs, que possivelmente foram passadas através de contatos com o branco que, agora, se sabe que tiveram, uma vez que esses índios, embora pareça incrível, são os mesmos tupis do litoral, que fugiram da civilização que avançava, fazendo um imenso exodo pelo sertão do Brasil.

Por isso, os padres sabem que nunca se conseguirá levantar exatamente o que da cultura índia é índia e o que pertence à cultura cristã, assimilada através de contatos indiretos.

**Embate cultural**  
Diz padre Felix que é certo o desaparecimento do índio, porque historicamente no embate de duas culturas, sempre perece a mais fraca. Além do mais o índio brasileiro nunca conheceu a civilização propriamente dita, mas sim os elementos marginais dela, seringueiros, caçadores, garimpeiros e aventureiros, sem moral, sem consciência, embora armados com instrumentos de civilização, com carabinas e dinamite, contra as quais o índio não podia lutar. Assim, o índio sempre foi tratado como animal, como caça mesmo e vai se extinguindo.

A única solução, que é apontada também pelos irmãos Villas Boas, dizem os padres, é isolar o selvagem dessas influências, conservando a estrutura social, a língua, usos e costumes, fazendo um trabalho de aculturação a longo prazo, aproveitando as atividades próprias do índio, e entregando-lhe, após poucos dias de civilização, os melhores seus condições de vida, da, mas sem provocarem o grande embate.

**O exemplo do erro**  
A falta de conhecimento dos índios, dizem os padres, tem como exemplo a tentativa de ensinar a agricultura aos bororos. Houve uma grande revolta, os índios não aceitavam os ensinamentos. A explicação só veio quando se soube que naquela nação, a agricultura é atividade pertencente à mulher e o homem fica furioso quando se tenta obrigá-lo a plantar.

## Eis a morte bororo

Numa sala separada, os padres têm o grande museu da morte. Um bororo nunca morre naturalmente. Ele é assassinado por um espírito mau, encarnado numa onça. Assim, a alma do índio não pode ter paz antes da mori, vingança, a morte da onça, do espírito mau.

Morto o bororo, seu corpo é enterrado à flor da terra e, durante um mês, há choro na aldeia, enquanto, diariamente, a tumba é regada para que a decomposição seja rápida.

Enquanto isto, um dos parentes sai à procura da onça. A escotilha é demorada, o parente é escolhido de acordo com os clãs, complicados, já que os bororos têm 1.400 nomes e símbolos de parentesco e a vida da tribo é regida por tais nomes, só podendo haver casamento de um clã com um certo outro, de acordo com os cruzamentos entre os antepassados que moraram nas diversas cabanas, cada uma de um clã.

Atualmente, com maiores conhecimentos, os padres estão tendo sucesso, desenvolvendo a parte artesanal dos índios, que cabe ao homem, e é naturalmente desenvolvida. Assim, um bororo pode ser um mecânico e mesmo um bom músico, mas nunca lavrador.

Outro fato não reconhecido pelos primeiros missionários é que entre os índios, como entre os brancos, existem elites culturais, pensantes, e os chefes de tal elite nem sempre chefiaram a tribo, tentam agora os padres, explicar os ensinamentos cristãos e da civilização a esses selvagens intelectuais, mais fáceis de atingir do que a massa e, depois, a ideia se difunde, atingindo todos os membros da tribo.

**A doença**  
A extinção paulatina dos índios se deve principalmente às doenças. No contato com o branco, o selvagem, que gozava de excelente saúde, começou a morrer de sarampo, gripe, tuberculose, pneumonia e sífilis. Ele não tem os anticorpos contra essas males e não tem tendência a adquiri-los. Assim, uma colônia inteira é dizimada em semanas pelo sarampo, que para o branco é doença amena, assim como o branco morre de maleita, que para o índio não é mais grave do que um resfriado comum, já que possui defesas naturais, transmitidas hereditariamente durante séculos.

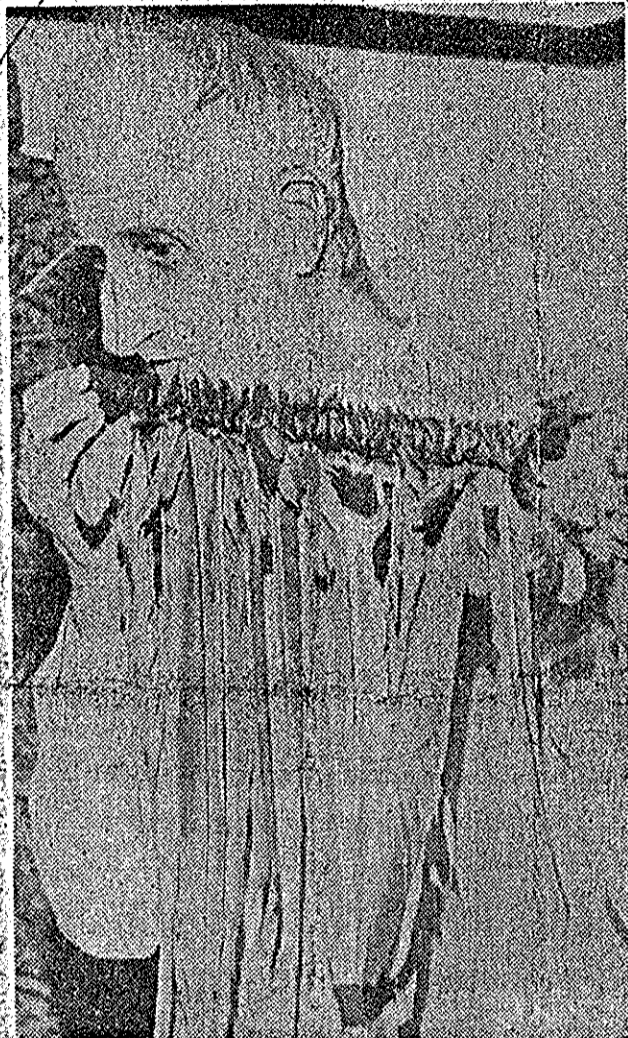
O álcool também mata muito e embora certas tribos, como os bororos, já o conhecessem — como chicha, fermentada de milho, oinini, fermentada de mandioca ou um vinho fraco de palmeira — mostraram-se muito sensíveis e apegados ao álcool forte de cana. Hoje, os bororos que não pertencem às colônias dos salesianos tomam constantemente álcool de 90 graus, puro, e dizem ser fraco. São capazes de trabalhar dez dias em troca de uma garrafa, enquanto os xavantes, outra tribo, por motivos desconhecidos, demonstram verdadeira ojeriza pela bebida e se recusam a tomá-la. Os padres estão tentando saber o porquê.

longa faixa de couro cabeludo, que o animal arrancou com as unhas.

Depois de retirado, seco e pintado com signos cabalísticos para as cerimônias, o couro ficou pronto. Houve a festa da vingança, mas depois o índio procurou o padre, e deu de presente o couro ritual, dizendo: "eu dou ao padre César o couro da onça e dou porque gosto, sem pedir cobertura, nem faca, nem nada, dou porque gosto".

O padre olhou o índio, a cabeça ainda em carne viva, e chorou diante da prova de amizade. Esse é o único "mori" do mundo inteiro que está fora das aldeias bororos.

**As penas**  
De acordo com o ritual bororo, depois de preparado o couro e feitas as danças, o cadáver do índio é desenterrado, um mês depois da morte, e toda a carne é retirada de sobre os ossos, que são limpos e lavados. Depois, a ossada inteira, principalmente a caveira, é recoberta de penas coloridas, coladas, formando desenhos de rara beleza. Com novas danças, os ossos são colocados numa cesta funerária, que é lançada às águas.



Padre César toca a "jararaca"

## Lingua tem 18 palavras

Depois que voltaram das aldeias, padres Cesar e Angelo Venturelli se dedicaram a fazer a grande Enciclopedia Bororo, da qual somente o primeiro volume tem 1.080 páginas e foi editado em 1982. O livro foi o resultado de 20 anos de estudos, durante os quais os dois padres conseguiram fazer uma descoberta incrível: levantaram a etimologia interna da língua bororo. Descobriram que ela é uma monossilábica aglutinante, formada de tão somente 18 monossilábos. Entretanto, as aglutinações permitem a formação de dez mil vocabulário.

Os estudos atualmente em curso com base nessa língua primitiva — acreditam os padres — talvez permitam o levantamento de como o homem formou sua primeira língua, de como começou a falar e há possibilidades de se provar que a linguagem tem origem onomatopéica.

**Outra descoberta**  
Por outro lado, estudando a Enciclopedia, padre Felix descobriu certos fatos que podem indicar uma ponte linguística entre Austrália, Peru, Bolívia e Mato Grosso, já que levantou diversas palavras semelhantes a vocabulário quíchuas e índias de um contato com a civilização que houve na Ilha da Pascoa.

Entretanto, o descobrimento mais importante foi o encontro de 30 palavras bororos iguais e com o mesmo significado do grego antigo, mas o fato é tão estranho, a teoria tão abusada, que padre Felix não fala sobre ela, diz somente que é "romance de um aventureiro da linguística".

Há outros problemas ainda da língua dos índios, entre outros o fato de existirem pelo menos 43 grupos linguísticos entre os índios, grupos mesmo, e não dialetos, o que poderia indicar uma multiplicidade de origens, e levaram os pesquisadores a descobrirem o caminho ou as diversas rotas seguidas pelos primeiros índios.

**O maior museu**  
No Colégio de Campo Grande, os padres mantêm o maior museu do mundo sobre a tribo bororo, com dezenas de peças trocadas. O museu abrange ainda material de outras tribos, mas com menor quantidade de peças. Os padres têm zarabatanas do Amazonas, aparelhos dos índios para defumação, de curanderismo, todos os objetos rituais para tratamento de doenças.

## Ele é índio ou um padre?

Padre César começou a viver com os índios quando tinha 26 anos. Chegou de batina nova, cheio de ideal, morou com eles, entendeu sua vida, tratou deles, um dia, numa festa, se tornou bororo também. O prêmio que teve nos 50 anos de missão foi ver todos os índios, menos um, morrerem como bons cristãos, acreditando em Jesus, embora depois da morte tivessem lugar os rituais da tribo.

Para o padre, seu sucesso, junto aos índios, a admiração que lhe devotaram, existe porque Deus o ajudou. Uma série de fatos estranhos ajudaram o padre em sua vida tribal, carregaram-lhe o respeito que ele precisava, para ter autoridade junto aos índios.

**Brincadeira tem hora**  
Um dos fatos estranhos ocorreu quando o padre deu risada, brincando, de um índio que voltava da caça sem nada. Padre César disse que "bororo não matou nada, porque tem o olho forte e o brago de esticar o arco não presta". Foi uma brincadeira, mas o índio fez cara feia. O bororo esticou o arco, apontou a flecha para o padre, que estava inocente, pensando que era brincadeira também. De repente o índio disparou a seta, e o padre, de susto, curvou-se para a frente, segurou a flecha no ar. Até hoje ele não sabe como fez isso, é quase impossível fora dos filmes de Tarzan pegar flecha no ar. Mas para os índios, aquilo foi, diz ele, "o non plus ultra e eu virei herói".

**Pacto com o feiticeiro**  
De outra feita, o padre fez um pacto com o feiticeiro, que prometeu não fazer bruxaria barulhenta de noite, para o padre dormir. Entretanto, uma vez chegou um caçador de madrugada, com fome, e só poderia comer a caça, depois da feitura de purificação, que tira o espírito da pega abatida.

O feiticeiro tocou seus maracas, cantou, fez uma balburdia tremenda, e padre César foi lá, mandou parar. O caçador que oferecera o sacrifício não gostou, veio para brigar, disse que mataria o padre. Esse fincou no chão uma bengala, endireitou o corpo, encarou o índio com cara de bravo e perguntou se ele falava a verdade ou estava brincando. Cinco minutos os dois se encararam, mas no fim o índio disse que brincava e foi embora. O prestígio do padre cresceu, mas para si mesmo ele jurou nunca mais se meter na lei dos índios, pelo menos de noite e sozinho.

## Há ainda milho dos xavantes

O milho dos xavantes também está exposto e vem sendo estudado, já que tem três espécies, todas diferentes do nosso, e talvez tenha vindo do lado de lá dos Andes. Há instrumentos de fazer fogo, bastões de madeira mole com os quais padre César — "agora, que estou fora" de forma — é capaz de fazer fogo em 40 segundos. Há uma torca de buriti, muito pesada, que os xavantes de 12 a 16 anos usam nas corridas, levando-a nas costas, nos seus exercícios de 10 horas diárias de educação física.

Os padres possuem ainda uma das maiores coleções de borboletas tropicais, com variedades dentro da mesma espécie, mas está sempre fechada, porque a luz é o maior inimigo das cores das borboletas.

O museu mostra ainda flechas suficientes para uma longa guerra, urnas funerárias, facas de osso, cocares que custam mais de 150 cruzeiros novos e que os índios deram de presente aos padres, e as máscaras de palha usadas nas cerimônias rituais, que têm de ser vestidas às escondidas, para as fotografias, porque os índios alunos do colégio se escandalizariam ao ver os padres usarem os trajes sagrados fora da tribo.

Há as cerâmicas, as esculturas, mostrando o começo, depois do dilúvio, quando restou somente um bororo e um cervo, que, criando-se, reiniciaram o mundo, que por isso é só dos bororos. Esse dilúvio, que deu origem a uma crença totêmica — dizem os bororos — começou em Cutabá.